

**A RELAÇÃO
NATUREZA-
AGRICULTURA NO
ESPAÇO AGRÁRIO: UMA
ANÁLISE DIALÉTICA**

*The nature-agriculture relation in
the agrarian space: a dialectic
analyse*

*La relación naturaleza-agricultura
nel espacio agrário: una análise
dialéctica*

**LUCIANO RICARDIO DE
SANTANA SOUZA**

NPGeo/UFS

Correio eletrônico:
gladiuslucius@gmail.com

Resumo

A relação agricultura-natureza estava centrada apenas sob o ponto de vista da análise sócio-ambiental, mas sobre a ótica marxista não se percebe contribuição teórica que almeje elucidar o problema da relação natureza-sociedade, bem como sua convergência para a relação natureza-agricultura. Muitos teóricos fazem menção inverídica sobre o distanciamento da análise marxista em relação à problemática existente entre a agricultura e a natureza. Apesar disto, a teoria marxista fornece uma visão aceitável sobre esta dicotomia. Cabe, pois, aos teóricos da Geografia, a reflexão e a revisão de preconceitos infundáveis sobre a contribuição marxista a tal temática. O objetivo deste artigo é entender a relação natureza-agricultura no Espaço Agrário, analisando, dialeticamente, a dinâmica conflitiva desta relação sob a predominância do modo capitalista de produção.

Palavras-chave: Agricultura, Sociedade, Natureza, Capitalismo, Espaço Agrário.

Resumen

La relación naturaleza-agricultura ha sido presumida solamente por la análisis socioambiental, pero la concepción teórica marxista no darse cuenta la contribución teórica que codician dilucidar el problema de la relación naturaleza-sociedad y su convergencia para la relación naturaleza-agricultura. Muchos teóricos hacen la mención inverídica de la distancia de la análisis marxista en relación a los problemas existentes entre la agricultura y la naturaleza. A pesar de ello, la teoría marxista se ofrece una aceptable visión de esta dicotomía. Es restricto, por lo tanto, a los teóricos de la Geografía, la reflexión y la revisión de los prejuicios acerca de prejuicios infundables acerca de la contribucion marxista a esa temática. El propósito de este artículo es entender la relación naturaleza-agricultura en el Espacio Agrario, analizando, dialeticamente, la dinámica opuesta de esta relación en el predominancia del modo de producción capitalista.

Palabras clave: Agricultura, Sociedad, Naturaleza, Capitalismo, Espacio Agrario.

Abstract

The agriculture-nature relation had been conceived just from the social-environmental analysis opinion, but on the Marxist theoretical contribution optical does not realize that covet elucidate the problem under Marxism criticism conception. Many theorists are unveridical mention on the distance Marxist analysis in relation to the problems existing between agriculture and nature. Despite this, the Marxist theory provides an acceptable vision on this dichotomy. It is, therefore, the theorists of Geography, reflection and revision of prejudices unfoundable on Marxist contribution to such issues. The purpose of this article is to understand the relationship nature-farming in the Agrarian Space, analyzing, dialetically, the dynamics oposit of this relation under the dominance of the capitalist production mode.

Key-Words: Farming, Society, Nature, Capitalism, Agrarian Space.

Introdução

A relação Sociedade-Natureza é, hoje, debatida somente sobre o ponto de vista da análise sócio-ambiental, mas sobre a ótica marxista não se tem conhecimento de uma vasta literatura que defenda o uso da concepção crítica *marxiana* para se entender tal relação. Com desconhecimento, muitos teóricos da Geografia fazem menção inverídica sobre o distanciamento da análise marxista acerca da relação entre a sociedade e a natureza, ignorando o enfoque da interação simbiótica. O foco da análise marxista não é a natureza como objeto (material), mas a natureza como elemento autônomo que interage, simbioticamente, com a sociedade.

Desta feita, é no ponto de interação (sociedade-natureza) que Marx constrói o seu entendimento sobre a intervenção nociva da sociedade sobre a natureza. No ponto de interação da sociedade com a natureza ocorre a intervenção da vida social sob controle do capital, resultando na carga expropriatória do capitalismo sob a natureza. É neste fato que Marx insita a seguinte reflexão: o capitalismo modifica a dinâmica da relação sociedade-natureza, intensificando o seu processo de dominação ou “coisificação” da natureza.

A análise marxista oferece mecanismos teóricos acerca do mecanismo de dominação do capital sob a relação sociedade-natureza. Por conseguinte, para o levantamento dos meios necessários à explicação da relação agricultura-natureza, a teoria marxista fornece uma leitura crítica acerca da predominância da lei capitalista sobre a agricultura e, como tal, sobre a natureza. Tal lei confere à agricultura a missão de dominar, sob a égide do capital, a natureza. Este conflito se reflete no próprio constructo do Espaço Agrário e abre preceitos para uma indagação: Qual o destino da relação pacífica entre a agricultura e a natureza quando se percebe a predominância, nesta relação, da intervenção do modo capitalista de produção? Como se percebe tal fenômeno no Espaço Agrário? Na tentativa de oferecer respostas a estas indagações, o artigo busca soluções viáveis através de três momentos significativos:

- A relação Sociedade - Natureza sob a luz da contribuição marxista;
- A relação Natureza-Agricultura: a relação conflituosa causada pelo poder transformador do capitalismo; e
- A relação Natureza-Agricultura no contexto do Espaço Agrário.

A relação Sociedade - Natureza sob a luz da contribuição marxista

O que pode ser visto sobre a releitura da abordagem marxista acerca da categoria natureza que não induza à concepção desta como um “conjunto de recursos naturais” ou “objeto” à disposição do homem.

A lógica está em compreender, primariamente, a relação homem-natureza a partir da evolução simultânea entre as categoriais natureza e sociedade. A evolução simultânea é percebida através das transformações não conflituosas na natureza e na sociedade; ou mesmo, através da existência mútua material, e não impactante, da sociedade e da natureza. O processo evolutivo e simultâneo provoca o desenvolvimento espontâneo da natureza e da sociedade, capacitando-os a convivência e a sobrevivência mútua. É a pura concepção da relação simbiótica. Ademais, o entendimento da relação natureza-sociedade, como categorias autônomas e dentro de um contexto simbiótico, dá origem, no arcabouço teórico marxista, à análise sobre o processo evolutivo simultâneo.

Por outro lado, onde ocorre a ação motivada pelo processo produtivo-social impulsionado pelo desenvolvimento histórico baseado na divisão social do trabalho, possibilita-se a visualização do impacto das relações sociais de produção sobre natureza. A problemática contida no impacto das relações sociais sobre a natureza é explicitado através do efeito espoliativo da divisão social do trabalho sobre os recursos naturais durante o processo de extração do valor de uso espacial. Decorrente dos impactos da divisão social do trabalho surge as artificialidades degradantes (provenientes da interação sociedade-natureza) como símbolos reais do teor destrutivo do modo capitalista de produção sobre o meio ambiente. Neste caso, o impacto do processo degenerativo (patrocinado pelo capitalismo) ocorre durante a relação simbiótica da natureza com a sociedade.

Desprezar a contribuição marxista na explicação lógica dos efeitos danosos da influência capitalista sobre a relação natureza – sociedade torna a problemática contida na atuação nociva da sociedade capitalista sob a natureza uma simples “quimera mitológica” do Espaço Agrário.

Cabe salientar que a sociedade e a natureza andam de “mãos dadas” em “caminhos paralelos”. O homem social (*homus socialis*) e o seu “ego” homem econômico (*homus economicus*) atuam de forma devastadora e decisiva sobre a natureza enquanto, *vis-à-vis*, impelidos pelo processo capitalista de produção.

Segundo Chesnay e Serfati (2003), o sistema capitalista impõe a lógica de degradação, promovendo o processo devastador que atinge atualmente a natureza. Tal processo se restringe à (re)acumulação de capital, de forma constante, objetivando extrair mais-valia sobre o custo do controle da natureza. Assim,

[...] focalizar-se nos mais importantes mecanismos econômicos e sociais que são a origem das tendências, despercebidas por muito tempo, do capitalismo à predação, ao parasitismo e à transformação de forças inicialmente ou potencialmente produtivas em forças destrutivas no campo do meio ambiente natural e da biosfera. (CHESNAY e SERFATI, 2003, p.14)

O processo de degradação é algo que está concretizado no parasitismo do capitalismo e na busca pelas mudanças provindas do sistema produtivo, sendo óbvio que há predominância do caráter exploratório da lógica capitalista de produção sobre a natureza. O predomínio da lógica devastadora do capitalismo sob a natureza funciona sem que haja risco de extinção do próprio modo de acumulação ou de seu sistema de reprodução do excedente: “Se destruir ou danificar gravemente o ambiente natural, não decorre daí que o capital ponha em perigo suas próprias condições de reprodução e de funcionamento”. (CHESNAY e SERFATI, 2003, p.26)

Para Santos (1997, p.89), o homem também vai impondo à natureza suas próprias formas-objetos culturais, artificiais, históricas. Desta forma, quando se fala de intervenção da sociedade na natureza, através das artificialidades (produtivas), menciona-se que a “natureza conhece um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultados da cultura”. A cultura é a forma pela qual o homem constrói objetos para transformar a natureza e, também, impactar sua própria existência. Daí, entende-se que a artificialidade da transformação da natureza pela cultura (cultura produtiva) e pelos objetos produtivos e culturais torna-se ato (concretizado) do processo de intervenção da sociedade na natureza.

Não obstante, há um entendimento, por parte de alguns cientistas sociais, de que a natureza é um mero objeto para ser transformado pelo homem ou pela sociedade humana, apresentando-se como um elemento subordinado à lógica do modo capitalista de produção. Assim como a sociedade, a natureza passa a ser afetada pela temporalidade das mudanças na estrutura produtiva. Isto vem confirmar o efeito da temporalidade material e transformadora que atua sobre a natureza. A temporalidade condiciona as conseqüências transformadoras e impactantes da sociedade sobre a “natureza e [sobre] os elementos [recursos naturais]”.

Conforme Foladori (2001), na relação sociedade-natureza, nota-se o processo transformador da divisão social do trabalho sobre a natureza, promovido pelo metabolismo social. A sociedade transforma a si e ao entorno (o espaço vivido), ajustando a realidade existencial do espaço vivido às necessidades de sobrevivência ou adaptabilidade social:

No processo do metabolismo social, ocorre uma transformação da natureza externa em relação à célula social, ao mesmo tempo em que há uma transformação em seu interior. O processo de transformação da natureza externa implica sua conversão em *riqueza material*, ou seja, em natureza apta para ser consumida, desfrutada, apropriada pela sociedade humana. (FOLADORI, 2001, p.109)

Como resultado dos ajustes espaciais condicionados à adaptabilidade do homem à natureza, a transformação que ocorre no interior da vida social e na natureza “externa”, simultaneamente, de acordo com Gomes (1993), resulta da “unicidade da relação natureza e sociedade”. *A priori*, tal processo união entre a sociedade e a natureza é amplamente visível quando a vida social encontra um ambiente necessário de transformação da natureza pela divisão social do trabalho.

No interior do processo de metabolismo social, vê-se que a natureza “externa” é tratada pelo capitalismo como “forma” a ser possuída, constituindo-se, por meio do processo produtivo social, mercadoria a ser consumida de forma periódica.

Assim como a sociedade, quando esta se encontra sob o domínio pleno do capitalismo, a natureza deve encontrar-se, também, sujeita a lógica degradante e predatória do capital. O poder transformador do capitalismo predispõe condições rentáveis para a utilização da natureza, convertendo-a em simples mercadoria: “No sistema capitalista, a natureza é valorizada pelo produto mercantil que se pode dela extrair – produção futura”. (FOLADORI, 2001, p.113)

O processo de dominação engendrado pelo capitalismo na relação Sociedade-Natureza é reconhecido pelo uso da forma produtiva social como garantia da continuidade do processo de extração do excedente na natureza. Tal fato ocorre quando a base de produção social se encontra submetida à predominância do modo de produção capitalista ao gerar modificações na essência da relação entre a sociedade e a natureza, dando os contornos definitivos à forma predatória e destrutiva oriunda do capitalismo. Neste caso, o contato da natureza com a agricultura, como umas das bases da produção social, é uma relação de conflito e um próprio signo dialético; não sendo fruto da agricultura, mas um estigma do modo capitalista prevalecente na agricultura.

A Relação Natureza-Agricultura: a relação conflituosa causada pelo poder transformador do capitalismo.

O capitalismo, na tentativa de apropriar-se do excedente, também se apropria da natureza com intuito de dominá-la terminantemente. Desta forma, a sociedade, que, amplamente, está sobre a égide do capitalismo, transforma a natureza, extraindo o excedente gerado no Espaço Agrário. Considera-se, neste caso, a natureza como um simples elemento material sujeito à apropriação. Assim como a sociedade, a natureza é também elemento sujeito à dominação do capital.

Torna-se interessante saber que a teoria marxista reconhecia que, ao transformar a natureza externa, o sujeito social transforma a “natureza sócio-produtiva” interna, a qual resulta no metabolismo social personificado no trabalho social:

Todo o método do materialismo histórico parte desse [fato]. Marx entende por metabolismo social o processo por meio do qual a sociedade humana transforma a natureza externa e, ao fazê-lo, transforma sua natureza interna. A ação de transformar a natureza externa constitui o processo de trabalho, e seu efeito sobre a natureza interna se manifesta na forma como se estabelecem as relações sociais de produção. (FOLADORI, 2001, p.106)

A suposição marxista sobre a relação interativa e problemática da natureza com a sociedade é posto por Foladori, seguindo a suposição acerca do metabolismo social, concebendo-o como:

Interdisciplinar e de uma filosofia holística para a análise do problema ambiental – no sentido de considerar o ser humano em sua inter-relação com o meio –, ocorre que o velho conceito de metabolismo social de Marx oferece grandes perspectivas. Pensemos em uma célula como unidade elementar de vida. Ela cria uma membrana que a separa do entorno, mas tem, ao mesmo tempo, uma interrelação de materiais e energia com esse ambiente externo. Ao fazê-lo, a célula cresce, metaboliza, pode reproduzir-se e até especializar-se em seres multicelulares. (IDEM)

A interação natureza-agricultura também ocorre dentro deste princípio de interação “simbiótica” entre a natureza e a sociedade. De tal forma, a relação entre a agricultura e a natureza está inserida numa gama de relações adicionais e inerentes ao processo (intimidante) de controle do capital sob a relação natureza-agricultura.

O entendimento da relação natureza-agricultura, dentro do enfoque de dominação do capitalismo, é relativamente útil para compreender o teor da relação conflituosa entre as duas categorias (agricultura e a natureza), partindo do princípio de inserção do capitalismo nesta relação. Desta feita, a natureza passa a ser dominada pelo capitalismo via agricultura.

Ademais, surge uma outra dinâmica que está centrada no conflito, mediado pelo capital, entre a natureza e a agricultura. O resultado final é a domesticação e a agressão da natureza pela agricultura através dos impactos ambientais advindos da expansão das áreas produtivas e da especialização produtiva agrícola. Tal ação engendra uma nova forma de destinação para a natureza. De tal modo,

O homem também vai impondo [com a agricultura sob o comando capitalista] à natureza suas próprias formas, a que podemos chamar de formas ou objetos culturais, artificiais, históricos. Estas formas históricas não são as mesmas através dos tempos primitivos

são diferentes dos atuais. (SANTOS, 1997a)

O estado atual da forma de produção agrícola é condicionalmente diferente, sendo reprodutor do processo predatório capitalista sobre o espaço e fonte dos meios propícios ao processo de dominação da natureza. O modo de produção capitalista implantado na agricultura é a gênese da “cultura produtiva” especializada, sendo o responsável pela conquista definitiva da natureza: “A natureza conhece um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultado da cultura [produtiva capitalista]” (Santos, 1997b). Assim, “[a natureza torna-se] cada dia mais culturalizada, mais artificializada, mais humanizada”. (SANTOS, 1997c)

Ainda, Santos defende a idéia de que o processo de culturalização humana sob a natureza (entendida como submissão da natureza ao processo produtivo vigente, o capitalismo) é solidificado pelo processo de tecnificação e coisificação. A “coisificação, mercantilização e fetichização da natureza” (Limonad, s/d, p. 11) é algo que merece atenção dentro da relação natureza-agricultura ao se observar a predominância do capitalismo como forma dominante de uso da natureza e da agricultura. Assim, concebe-se que tal processo de “coisificação” da natureza e a sua total dominação por parte da agricultura, a qual está subordinada ao capital, torna-se um fato possível e, ao mesmo tempo, concreto. Resulta dessa consideração o entendimento de que a relação natureza-agricultura só se torna conflituosa devido à intervenção do capitalismo que, desta forma, engendra um novo padrão de relação antagônica entre natureza e a agricultura. Tal processo ocorre dentro da totalidade do Espaço Agrário, onde é possível observar a dinâmica do processo que amplia a dualidade, ou melhor, oposição entre as categorias natureza e agricultura dentro do campo de atuação das forças expropriadoras e dominadoras do capitalismo.

A Relação Agricultura-Natureza no contexto do Espaço Agrário

O Espaço Agrário é um conjunto e, ao mesmo tempo, uma totalidade de objetos e ações (Santos, 2002). Porém, não é possível distanciar a natureza e a agricultura, dois elementos que estão dentro do Espaço Agrário, da forma de dominação capitalista.

A ação e os objetos só são criados a partir da introdução da divisão social do trabalho e, desta forma, há uma forma de construção dos objetos e a constituição de ações que modificam a natureza e a agricultura. Estas ações e estes objetos estão munidos, pelo processo capitalista de produção, do poder transformador sob a matéria espacial. Desta forma, há um impulsionamento, por parte do modo de produção capitalista, para que a relação natureza-agricultura se torne conflituosa. É no Espaço Agrário que é possível observar esta dualidade e as suas

conseqüências: a dominação da natureza pela agricultura.

Ademais, para Silva (1991, p.60), as relações num dado espaço são pautadas no “ser, estar e produzir espaço” por meio do trabalho. Para Santos, o Espaço (Espaço Agrário) anteriormente construído e seus elementos (natureza e agricultura) são amplamente afetados por um sistema de dimensões maiores (o sistema capitalista de produção):

Os equilíbrios tradicionais foram rompidos e as parcelas de espaço, que viviam anteriormente de acordo com uma dinâmica própria, passaram desde então a participar de um sistema mais amplo cujo domínio escapa às sociedades locais. (SANTOS, 2003, p.140)

Através desta observação, obtém-se uma elucidação dos fatos sobre a relação conflituosa da natureza com a agricultura no Espaço Agrário. Tal elucidação é amplamente reconhecida quando se percebe a relação (dialética) pautada na oposição entre a natureza e a agricultura num dado momento histórico e, por isso, entende-se que surge desta oposição uma nova gama de construções e usos, para estes elementos, que não são condizentes com a sua forma original ou anterior.

A especialização agrícola como forma de transformação estrutural da possilita de buscar engendrar na agricultura uma nova forma de extração do excedente é um indício do efeito agravante do capital sobre a relação natureza-agricultura: “Daí as diferenças de “valor” entre espaços agrícolas, resultado e causa de uma redistribuição nova do capital disponível”. (IDEM)

Desta forma, a forma de introdução das relações capitalistas na relação natureza-agricultura está contida na análise e no entendimento de que, no Espaço Agrário, há também “um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos [natureza e agricultura]” (Santos, 1997, p.71) voltados para o processo de expropriação do excedente espacial, tornando visível a oposição entre a natureza e a agricultura motivada pelo efeito da introdução de novos objetos e ações pelo Capital no espaço. Santos (Idem) menciona também que os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. Estes objetos (objetos técnicos como tratores, agrodefensivos, etc.) são externos à relação natureza-agricultura e são, por ventura, dominados pelo sistema capitalista e desta forma influenciam esta relação dentro do Espaço Agrário, modificando os processos produtivos e criando novos objetos e ações.

Os efeitos dos objetos e das ações criados pelo capital sobre a natureza e sobre a agricultura são amplamente vistos na introdução de novos tratos e através da implantação da especialização produtiva; além do uso da tecnologia como forma propulsora de reconstrução contraditória (pela oposição natureza-agricultura) do Espaço Agrário. Como tal, sobre o Espaço Agrário, os “sistemas

de ações também não se dão sem os sistemas de objetos” (Santos, 1997, p.90b); sendo que os sistemas de objetos e os sistemas de ações estão subordinados à lógica capitalista de expropriação do valor.

O capitalismo cria objetos e estes mesmos recriam outros objetos, que são auxiliados por novas ações e estas não se dão sem que haja tais objetos para as darem vida. Tais novas ações sobre o Espaço Agrário são amplamente resumidas na introdução de novos tratos e formas de produzir que utilizam maquinário, desmatamento ilegal, uso de herbicidas e fungicidas como forma de alavancar a produtividade. Desta feita, não há como negar a conseqüente relação conflituosa entre a agricultura e a natureza. O capital capta para si tal relação conflituosa e concebe uma nova dinâmica ao seu próprio benefício. O resultado da introdução dos novos objetos e das novas ações, que geralmente são produzidos pelo capital para estabelecer seu domínio do Capital sobre o Espaço Agrário é a nova dinâmica produtiva e geradora de valores de uso implantada sobre a relação natureza-agricultura, pautando-as na técnica como forma de alicerçar a atuação do capitalismo na dinamização produtiva. (SANTOS, 2002, p.36-56)

As técnicas são primordiais para o uso eficiente das ações e dos objetos no contexto de expropriação capitalista sob o Espaço Agrário. Desta feita, a relação natureza-agricultura passa a ser influenciada pela própria técnica capitalista e, por conseguinte, é causa do conflito. A técnica é a fonte pela qual vai ocorrer o conflito na relação natureza-agricultura. Conseqüentemente, idealiza-se a importância da técnica, entendendo-se que:

Hoje, o desenvolvimento das forças produtivas estaria mais do que nunca relacionado à produção de conhecimento em interação com seus outros fatores constituintes - à medida que entendemos que as forças produtivas são constituídas por meios de produção, força de trabalho, matérias primas e tecnologia temos que: 1) o desenvolvimento de novos meios de produção (máquinas e ferramentas) está intrinsecamente ligado à produção de conhecimento; 2) o desenvolvimento da força de trabalho está relacionado às transformações no processo de trabalho que muitas vezes dependem de inovações técnicas e 3) o aproveitamento dos recursos naturais e matérias primas está diretamente relacionado ao avanço tecnológico o qual, por sua vez, 4) depende da produção de conhecimento e do avanço científico. Não se trata, de cair em um determinismo tecnológico, mas de enfatizar a primazia da produção do conhecimento nos tempos atuais para o avanço do desenvolvimento das forças produtivas. (LIMONAD, s/d, p.10-11)

As técnicas são as novas formas produtivas criadas pelo capital e alicerçadas pela produção do conhecimento científico, as quais não podem ser distanciadas

da lógica de filiação ao modo de produção capitalista. As técnicas, como produto do conhecimento científico, integram a base transformadora do sistema produtivo engendrada pelo capitalismo. A utilização da ciência para conceber novas formas e etapas de garante o conflito inerente à relação agricultura-natureza extração do excedente no espaço.

No tocante ao Espaço Agrário, a produção de conhecimento concebe novas técnicas que não são semelhantes às técnicas modernas de produção agrícola utilizadas no processo produtivo primitivo e no estado anterior do espaço. Assim, origina-se novos objetos, servindo, assim, ao processo de geração de mais excedente com custos ambientais e sociais significativos. No contexto da oposição natureza-agricultura, a presença da técnica, sob o controle do capitalismo, faz gerar uma nova configuração do Espaço Agrário.

Considerações Finais

A relação Sociedade-Natureza possibilita a observação sobre a forma predatória de imposição da forma produtiva agrícola moderna sobre a natureza. Daí reconhecer que, no ponto de junção da relação sociedade-natureza, o choque entre estas duas categorias ocorre sob o processo de apropriação do capital.

Aliás, para que haja uma convivência pacífica entre a sociedade e a natureza, particularmente, defende-se a necessidade de preservação do meio ambiente e o reconhecimento de que os dois elementos natureza e sociedade são imprescindíveis ao espaço material.

Da mesma forma, uma nova relação entre a natureza e a agricultura reflete a problemática envolta na convivência conflituosa, ou seja, na complexidade da relação sociedade-natureza. A nova relação resultante do processo de intervenção do capital possibilita o conflito entre a agricultura capitalista e a natureza. Este processo degradante de domínio da agricultura capitalista sob a natureza garante, principalmente, a conversão da natureza em mercadoria ou em fonte de geração do excedente. Tal fato insere a agricultura e a natureza no domínio do capitalismo, estabelecendo-se, pois, o conflito.

Portanto, há de existir um conhecimento crítico acerca da problemática envolta na relação natureza-agricultura ao relatar o surgimento de obstáculos à convivência pacífica destas duas categorias (simbiose). Desta maneira, percebe-se a intervenção das ações produtivas capitalistas sobre a relação natureza-agricultura, o que constitui entraves à continuidade da existência mútua e pacífica estabelecida entre a agricultura e a natureza no Espaço Agrário ao longo dos anos.

Bibliografia

CHESNAIS, François, SERFATI, Claude. "Ecologia" e condições físicas da reprodução social: alguns fios condutores marxistas. In *Crítica Marxista*, nº 16, 2003, São Paulo, 20 de fevereiro de 2007, (<http://www.unicamp.br/cemarx/16chesnais.pdf>).

LIMONAD, Ester. *Questões ambientais contemporâneas, uma contribuição ao debate*. In Programa de Pós-Graduação em Ordenamento Territorial e Ambiental Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, sem data.

FOLADORI, Guillermo. *O metabolismo com a natureza*. In *Crítica Marxista*, 2001, São Paulo, 20 de fevereiro de 2007, (<http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/05fOlad.pdf>).

GOMES, Edvânia T. Aguiar. *Inquietação em torno do debate sociedade-natureza no espaço da cidade*. In: SOUZA, Maria Adélia de; SANTOS, Milton; SCARLATO, Francisco Capuano; ARROYO, Mônica. *Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica*. São Paulo: Editora Hucitec-Anpur, 1993, (Série O Novo Mapa do Mundo).

SILVA, Lenyra Rique da. *A natureza contraditória do espaço geográfico*. São Paulo: Editora Contexto, 1991, (Coleção Caminhos da Geografia)

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. 3 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. *Metamorfose do Espaço Habitado*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. *Economia Espacial*. Tradução: Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi. São Paulo: Editora EDUSP, 2003. (Coleção Milton Santos; 3)

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora EDUSP, 2002.

Recebido para publicação dia 26 de Fevereiro de 2008

Aceito para publicação dia 27 de Abril de 2008